

# ARQUEOLOGIA, POLÍTICA E IDEOLOGIA: ARQUEOLOGIA MARXISTA NA ITÁLIA PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

## ARCHEOLOGY, POLITICS AND IDEOLOGY: MARXIST ARCHEOLOGY IN ITALY AFTER THE SECOND WORLD WAR

Juliana Figueira da Hora<sup>1</sup>

Rafael Lopes de Souza<sup>2</sup>

Vagner Carvalheiro Porto<sup>3</sup>

### RESUMO

Durante o segundo período do pós-guerra (1945-1960), o Partido Comunista Italiano foi um centro de intelectuais e, como tal, influenciou também o desenvolvimento da arqueologia italiana. A ideologia marxista, de fato, era percebida como meio de emancipar a disciplina da velha academia. Concentrando-se na chamada "escola romana" de arqueologia, este artigo analisa a influência das ideologias comunistas e marxistas no desenvolvimento da disciplina. Destacamos diversos arqueólogos proeminentes e carismáticos, dentre eles Bianchi Bandinelli, Renato Peroni e Andrea Carandini. Argumenta-se que, embora as trajetórias de pesquisa marxista tenham sido caracterizadas por uma força inovadora e impulsionadora inicial que revolucionou a arqueologia italiana, o colapso do Partido Comunista Italiano e a consequente queda de sua tradição intelectual determinaram o esgotamento do potencial inovador da disciplina, mas não impediram que a intelectualidade e vitalidade destes arqueólogos ecoassem por todo o mundo ocidental até nossos dias.

**Palavras chave:** Marxismo. Comunismo. Arqueologia.

---

<sup>1</sup> Juliana Figueira da Hora é doutora e mestre em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Atualmente é pós-doutoranda do MAE-USP, bolsista CAPES-PNPD. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Histórica e Patrimônio Arqueológico. ORCID: 0000-0003- 2697-9248.

<sup>2</sup> Rafael Lopes de Sousa é professor permanente do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA). Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/2009). Mestre em História Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp/1997). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Políticas e Identidades Ibero-Americanas - POLIBERA/UNISA/CNPQ.

<sup>3</sup> Vagner Carvalheiro Porto é mestre e doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor Doutor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. É Co-coordenador do LARP - Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (USP) no qual desenvolve pesquisa docente sobre as províncias romanas da Síria-Palestina e da Península Ibérica. ORCID:0000-0001- 6186-7845

## ABSTRACT

During the second post-war period (1945-1960s), the Italian Communist party was a hub of intellectuals, and as such influenced the development of Italian archaeology as well. Marxist ideology indeed was perceived as means to enfranchise the discipline from the old academia. Focusing on of the so-called “Roman school” of archaeology, this paper analyzes the influence of communist and Marxist ideologies on the discipline’s development. We highlight prominent and charismatic archaeologists, between them Bianchi Bandinelli, Renato Peroni and Andrea Carandini. It is argued that while the Marxist research trajectories were characterized by an initial innovative and driving force that revolutionized Italian archaeology, the collapse of the Italian Communist Party and the resulting downfall of its intellectual tradition determined the exhaustion of the discipline’s innovative potential. However, they did not prevent the intellectuality and vitality of these archaeologists from echoing throughout the Western world to our days.

**Keywords:** Marxism. Communism. Archaeology.

## Introdução

O assunto que este artigo ora trata diz muito sobre a atual situação política do Brasil. Salvando as devidas proporções históricas com seus contextos e historicidade, a atual onda conservadora no Brasil em muito se assemelha com a vivida na Itália de meados do século XX. É a respeito do embate entre intelectuais, arqueólogos e seus dilemas políticos e ideológicos – existente na Itália deste período – que concentraremos nossa atenção neste artigo.

Durante o segundo período do pós-guerra (1945-1960), o Partido Comunista Italiano (PCI - *Partito Comunista Italiano*) - entre os maiores do Bloco Ocidental - influenciou profundamente o desenvolvimento da arqueologia italiana: não só o PCI desempenhou um papel importante durante a libertação nacional do nazismo e do fascismo em 1945, como também foi um centro crucial para a vida intelectual italiana. Em particular, seu 'think tank'<sup>4</sup> teve um

---

<sup>4</sup> De acordo com o escritor norte-americano Paul Dickson (1972), **think tanks** podem ser chamados de **fábricas de ideias**. Também podem ser traduzidos como **círculo de reflexão** ou **laboratório de ideias**. *Think*, na língua inglesa, pode ser traduzido como ‘pensar’; já a palavra *tank* significa ‘tanque’, ‘reservatório’. Por isso, o termo *think tank* pode ser

profundo impacto nas abordagens teóricas das humanidades, e a arqueologia não foi uma exceção. Vários arqueólogos, de fato, estavam profundamente influenciados pela ideologia comunista, entendida como a disciplina da antiga academia ainda imbuída de ideologia fascista.

Ao focar no desenvolvimento da arqueologia italiana a partir da década de 1960, este artigo analisará a influência das ideologias comunista e marxista<sup>5</sup> no desenvolvimento da disciplina. Em particular, as trajetórias acadêmicas de Andrea Carandini e Renato Peroni, dois destacados arqueólogos pertencentes à chamada *Escola Romana*, serão discutidas. Esses estudiosos foram as principais figuras em torno das quais dois grupos de arqueólogos se reuniram. A primeira, composta principalmente por classicistas, agrupou-se em torno da revista *Dialoghi di Archeologia*, enquanto a segunda foi formada por arqueólogos pré-históricos e proto-históricos pertencentes ao *Centro Studi per la Protostoria*.

As trajetórias científicas de Carandini e Peroni, sua conexão com a tradição marxista italiana e o PCI, e sua relação com os grupos *Dialoghi* e *Centro Studi*, respectivamente, serão discutidos adotando uma perspectiva diacrônica enfocando o período que vai da década de 1960 até o início da década de 1990, quando o PCI se dissolveu.

O colapso dos governos comunistas na União Soviética e na Europa Oriental, de fato, teve profundas reverberações por toda a Itália. Da mesma forma que outros partidos comunistas europeus, o PCI empreendeu o longo caminho da reforma que o transformou em um partido progressista de esquerda. Argumenta-se que, embora a trajetória de pesquisa marxista sintetizada pelos dois estudiosos se caracterizasse por uma força inovadora e impulsionadora inicial que revolucionou a arqueologia italiana, o colapso do Partido Comunista italiano e a consequente queda de sua tradição intelectual

---

traduzido como 'grupo de reflexão', 'laboratório/fábrica de ideias', como mencionado anteriormente.

<sup>5</sup> A sociedade, em seu processo de formação social, é entendida como uma unidade, na concepção da arqueologia marxista. Em seus componentes vitais, cada parte só pode existir em conjunto com o todo. Se a interação entre os componentes sociais for corrompida, então os opostos evoluem para algo que é desequilibrado. A natureza dinâmica da mudança, interpretada a partir daí, é o que entendemos por revolução (AKIN, 2015, p. 37).

levaram ao esgotamento do potencial inovador da disciplina. (CELLA; GORI; PINTUCCI, 2016, p. 72).

### **Pallocino, Bandinelli e Puglisi: entre o conservadorismo e o progressismo**

Após a Segunda Guerra Mundial, a academia italiana ainda era profundamente influenciada por ideologias reacionárias que caracterizaram as primeiras décadas do século XX. Após o fim do regime fascista, de fato, vários estudiosos que estavam ativos durante a Era Ventennio<sup>6</sup> (1922-1945) mantiveram suas posições proeminentes nas universidades. Os arqueólogos mais destacados da era fascista, na verdade, rejeitaram apenas formalmente sua filiação ao regime posterior de Mussolini, a fim de salvar seus mandatos, como mostra o caso emblemático de Giulio Jacopi (BARBANERA, 1998, p. 151-152).

Naquela época, dois excelentes arqueólogos estavam trabalhando na *Universidade La Sapienza de Roma*: Massimo Pallottino e Ranuccio Bianchi Bandinelli. Pallottino tinha uma ideologia conservadora, apesar de seu envolvimento com um pequeno grupo de intelectuais católicos na *Resistenza*, a organização antifascista italiana. Ele é considerado um dos mais importantes estudiosos da civilização etrusca pré-romana. Em essência, ele criou a disciplina de Etruscologia (civilização e arte etrusca)<sup>7</sup>. É importante ressaltar o

---

<sup>6</sup> As expressões **ventennio fascista** ou simplesmente **ventennio** referem-se ao período da tomada do poder pelo fascismo e por Mussolini, oficialmente em 29 de outubro de 1922, até o fim do regime, que ocorreu formalmente em 25 de julho de 1943. Há vertentes que consideram o final deste período em 1945 com a derrocada final e o fim da República Social Italiana de Mussolini.

<sup>7</sup> A Etruscologia é o estudo da civilização etrusca. Esta civilização concentrou-se em grande parte da região que hoje conhecemos como Itália. Como os etruscos eram político e culturalmente influentes na Roma pré-republicana, muitos etruscólogos acabam também por serem estudiosos da história, arqueologia e cultura de Roma. O principal periódico acadêmico de estudos etruscos é reconhecidamente o *Studi Etruschi*. Uma adição recente à literatura acadêmica é a revista americana *Etruscan Studies: Journal of the Etruscan Foundation*, que começou a ser publicada em 1994. Um órgão mais informal é *Etruscan News*. No Brasil, os estudos sobre os etruscos são ainda bastante incipientes; destacamos uma importante coleção arqueológica salvaguardada pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e a disciplina de graduação intitulada *Introdução à História e Arqueologia de Roma* oferecida pela Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming no MAE-USP.

papel que a civilização etrusca teve no debate sobre o autoctonismo, que caracterizou a identidade nacional italiana, construindo o discurso já a partir da Era do Iluminismo (HARARI 2012, pp. 405-418; DE FRANCESCO 2013).

Ranuccio Bianchi Bandinelli, por outro lado, tinha uma ideologia progressista e, paradoxalmente, mesmo que tenha sido forçado a prometer lealdade ao regime fascista, estava fervorosamente ligado ao Partido Comunista Italiano. Bianchi Bandinelli foi um notável arqueólogo e intelectual, e graças ao seu engajamento político tornou-se o paradigma do comunista intelectual italiano. Nascido em 1900 em uma família italiana nobre, ele começou sua carreira em 1929 como professor de estudos clássicos nas universidades de Cagliari, Groningen, Pisa, Firenze e Roma. Como a maioria dos intelectuais, em 1938, a contragosto, ele jurou lealdade ao regime fascista (BARBANERA 1998, p. 150).

No 73º Festival Internacional de Cinema de Veneza, Enrico Caria apresentou um documentário focado na visita que Hitler fez a Roma em maio de 1938 intitulado *L'uomo che non cambiò la storia* (O homem que não mudou a história). Naquela ocasião, Bianchi Bandinelli foi convocado por Mussolini para atuar como guia arqueológico do Führer (**Fig. 1**).

**Figura 1** - Da esquerda para a direita: Bandinelli, Hitler e Mussolini durante a visita de Hitler à Itália.



Fonte: <https://bit.ly/2SUWLus>

O documentário de Caria é em grande parte baseado em material do *Istituto Luce*, e se concentra no dilema de Bandinelli, ou seja, o de ele aceitar e ser comprometido com um regime que despreza, e o de recusar o convite e comprometer os seus estudos e a sua família. Diante deste quadro, Bianchi Bandinelli aceitou a tarefa, e nos dias que antecederam a visita de Hitler, ele elaborou um plano para matar os dois ditadores e mudar o curso da história que, como todos sabemos, não se tornou efetivo. Bianchi Bandinelli tomou partido contra Mussolini imediatamente depois, e se juntou ao PCI em 1944 (CELLA; GORI; PINTUCCI, 2016, p. 73).

Quanto à sua atividade intelectual, Bianchi Bandinelli aplicou as teorias de Gramsci ao estudo da arte clássica, questionando a abordagem estética tradicional de Benedetto Croce<sup>8</sup> à antiguidade. A arqueologia que Bandinelli empregou pela primeira vez na Itália tinha uma característica interpretativa marxista.

O historicismo de orientação marxista logo se tornou uma questão metodológica e marcou a entrada de conceitos como “pessoas” e “produção” no campo da arte antiga (BIANCHI BANDINELLI, 1961). Em sua opinião, totalmente alçado nas questões sobre arqueologia e cultura (1961), cada obra-prima refletia elementos sociais e políticos do contexto histórico em que ela foi concebida e produzida. Este ensaio teórico e metodológico exerceu uma profunda influência sobre os estudos clássicos, especialmente àqueles relacionados aos períodos concernentes ao Império Romano e ao Antiquariado Tardio. Graças às suas teorias revolucionárias e personalidade carismática, um grupo de jovens arqueólogos fascinados por seu ensino decidiu se formar em Arqueologia Clássica (CELLA; GORI; PINTUCCI, 2016, p. 73, tradução nossa).

Em 1957, Bianchi Bandinelli foi nomeado diretor do *Istituto Gramsci*, cargo que ocupou até 1970. Um dos propósitos do Instituto era construir uma estrutura para envolver os intelectuais italianos do Partido Comunista (VITTORIA, 2014). Durante décadas, o Instituto Gramsci permaneceu como o líder incontestado da política cultural orientada para o marxismo na Itália. Como Gundle (2000) apontou, o partido comunista italiano, de fato, procurou penetrar na sociedade italiana e se tornar uma força em todas as esferas da vida nacional. A luta cultural teve um significado especial, uma vez que era uma esfera na qual o partido poderia exercer uma influência maior do que poderia na arena política. Assim, por meio da luta cultural, podia-se minar a barreira que o governo infringia aos arqueólogos. Bandinelli e os principais comunistas, ansiavam ganhar apoio para suas ideias entre escritores, artistas e intelectuais de todos os tipos - incluindo arqueólogos, deste modo, acreditavam em poder determinar as ideias e valores que dominavam a nação (GUNDLE, 2000, p. 6).

---

<sup>8</sup> Benedetto Croce foi um filósofo, historiador e político italiano que escreveu sobre diversos assuntos, incluindo filosofia, história, historiografia e estética. Em muitos aspectos, Croce era liberal, embora se opusesse ao livre comércio do *laissez-faire*. Exerceu considerável influência sobre outros intelectuais italianos, incluindo o marxista Antonio Gramsci e o fascista Giovanni Gentile. Croce foi presidente da PEN Internacional, a associação mundial de escritores, entre 1949 a 1952. Foi indicado ao Nobel de Literatura dezesseis vezes.

Juntamente com Bianchi Bandinelli, Salvatore Maria Puglisi foi outra figura notável que dominou a escola romana de arqueologia. Durante a Resistência Italiana, ele lutou junto com as tropas anglo-americanas pela libertação da Itália e, após a Segunda Guerra Mundial, tornou-se um fervoroso ativista político. Ele estudou em *La Sapienza* com Ugo Rellini, no entanto, parte de sua formação ocorreu no Reino Unido, na *College University*, em Londres, onde por um período ele foi aluno de Gordon Childe. Esta experiência foi fundamental no desenvolvimento de sua abordagem teórica da disciplina, que tem sido descrita como funcionalismo antropológico (DANCKERS, 2014, p. 497).

Em 1960, Puglisi foi nomeado professor da Universidade de Roma e tornou-se o primeiro pré-historiador a aplicar uma abordagem marxista ao estudo das sociedades antigas. Um dos legados mais importantes de Puglisi foi a introdução da *Nova Arqueologia*<sup>9</sup> na Itália. Ao adotar uma abordagem interdisciplinar, ele introduziu várias novas disciplinas na Universidade *La Sapienza*, como Etnografia Pré-Histórica Africana, Ecologia Pré-Histórica e Arqueologia do Oriente Próximo e Médio, e em 1962 ele estabeleceu o *Museo delle Origini* na Faculdade de Humanidades, um centro didático e científico. Seu trabalho mais importante é, *La civiltà appenninica. Origine e sviluppo delle agerà pastorali in Italia* (1959), no qual ele adotou uma abordagem antropológica para o estudo das comunidades pastoris da Idade do Bronze. Neste trabalho, os conceitos de infraestrutura e superestrutura são apresentados com ênfase nas tensões econômicas e sociais derivadas de uma perspectiva marxista, que por sua vez foi provavelmente influenciada por Childe (DANCKERS, 2014, p. 496-497). Entre 1951 e 1953 Puglisi também se envolveu em vários projetos de campo. Entre as escavações mais relevantes que ele realizou está a da colina do Palatino, a escavação no sítio eneolítico<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> A Nova Arqueologia, ou New Archaeology, também conhecida como Arqueologia Processual é uma corrente teórica da Arqueologia formulada na década de 1960 pelo arqueólogo estadunidense Lewis Binford. Recebeu influências do neoevolucionismo, através dos antropólogos culturais Julian Steward e Leslie White (FUNARI, 2004/2005, p. 2).

<sup>10</sup> Na Arqueologia italiana Eneolítico significa a época que se situa entre o Neolítico e a Idade do Bronze.

de *Conelle di Arcevia*, e o assentamento fortificado da Idade do Bronze de *Coppa Navigata* (PUGLISI, 1955). Igualmente relevante foi sua atividade de pesquisa na Turquia, em Malatya, em colaboração com Alba Palmieri, no Egito, no Sudão e no Saara da Líbia. Puglisi também foi o fundador da revista científica *Origini*, que é um dos mais importantes periódicos publicados pela Universidade de Roma.

### **Pela união dos arqueólogos italianos**

Em 1962, nas páginas da *Archeologia Classica*, Massimo Pallottino (1962, p. 115-118) lançou seu chamado pedindo a união dos arqueólogos italianos. *Archeologia Classica* foi considerada a revista arqueológica mais importante e influente da Itália na década de 1960. Segundo Elisa Cella, Maja Gori e Alessandro Pintucci (2016, p. 74), o argumento de Pallottino provocou um intenso debate entre os arqueólogos italianos, que foi registrado em *Archaeologia Classica* (*ArchCl.* 1962, p. 115-118; p. 261-284; *ArchCl.* 1963, p. 113; p. 271-273; *ArchCl.* 1964, p. 319-327; *Dialoghi* 1967, p. 131-132; BARBANERA, 1998, p. 162-164). Após essa troca de ideias, a proposta mais bem-sucedida foi o estabelecimento de uma associação moldada no padrão das sociedades britânicas. Em 1964 nasceu a *Società degli Archeologi Italiani* (daí em diante SAI) (DANCKERS, 2014, p. 497). Entre aqueles que estavam participando ativamente das discussões, havia os chamados *Jovens Arqueólogos*, um grupo de jovens acadêmicos com uma sólida formação marxista liderada por Renato Peroni e concentrada principalmente em Roma. Embora aderissem ao pedido de Pallottino, propuseram um documento alternativo contendo reivindicações políticas e sociais dirigidas à proteção da profissão arqueológica (*ArchCl.* 1962, p. 261-264). Bianchi Bandinelli também participou do debate (*ArchCl.* 1962, p. 280-284), apoiando os jovens arqueólogos, apesar de já ter abandonado a Universidade na época do pedido de Pallottino (CELLA; GORI; PINTUCCI, 2016, p. 74).

De acordo com as diferentes posições expressas durante as discussões, dois blocos principais logo surgiram dentro da SAI: um conservador, muito mais próximo das posições de Pallottino, e outro abertamente revolucionário. A

situação entre esses dois grupos logo se tornou tensa, levando a uma profunda ruptura política e ideológica destinada a caracterizar a arqueologia italiana por pelo menos três décadas. Os conflitos internos que surgiram dentro da SAI causaram profunda decepção nos jovens arqueólogos. Após a sua rápida escalada para posições de liderança, a maioria dos antigos membros renunciou deixando para o grupo marxista o que R. Peroni definiu como uma casca de noz vazia (PERONI, 1988, p. 76-82).

A turbulência social e política que caracterizou o final da década de 1960 levou os jovens arqueólogos a procurar novos espaços nos quais a arqueologia pudesse ser debatida, juntamente com questões sociais e políticas. A maioria das revistas arqueológicas, incluindo *Archeologia Classica*, na verdade, publicava apenas temas arqueológicos "tradicionais". O fracasso da SAI foi fundamental para o estabelecimento, em 1967, da revista *Dialoghi di Archeologia*, um projeto editorial inovador que mesclou pesquisa arqueológica com engajamento político. *Dialoghi di Archaeologia* pode ser definido como um experimento social abertamente inspirado pelo marxismo. Bianchi Bandinelli foi nomeado diretor da revista, mas nunca participou ativamente do projeto.

A peculiaridade de *Dialoghi di Archeologia* era combinar dois conjuntos principais de objetivos: um teórico-metodológico, e o outro, político. A revista foi assim estruturada em duas partes independentes: a primeira, mais tradicional, composta por trabalhos de pesquisa, e a segunda, dedicada à discussão política, denominada *Documenti e Discussioni* (Documentos e Discussões) e de autoria coletiva da *Amici* - um grupo de acadêmicos jovens de orientação progressiva - onde cada proposta e decisão foram colegialmente tomadas (IACONO, 2014, p. 3). Vale ressaltar que o periódico incluiu o primeiro debate aberto italiano sobre o uso de métodos quantitativos aplicados à Pré-história (GUIDI, 2002, p. 355) graças a dois ex-alunos de Puglisi, Alberto Cazzella e Amilcare Bietti, que organizaram em 1974 no *Dialoghi di Archaeologia* a experiência do primeiro workshop com foco no uso de métodos quantitativos em arqueologia.

A auto-exclusão voluntária de Bianchi Bandinelli da Universidade em 1964 foi mencionada anteriormente. A falta de um forte ponto de referência

dentro da Universidade desorientou os jovens arqueólogos, mas também favoreceu a renovação da disciplina, dando-lhes autonomia. Apesar da prática de escavações ainda estar ligada à técnicas tradicionais de escavações (naquele momento e para este grupo entendidas como fascistas) no centro de Roma, este grupo de estudiosos marxistas enfatizou a necessidade de novos métodos em escavações arqueológicas, defendendo, assim, a importância da cultura material na compreensão do passado. O trabalho realizado na era pré-fascista por estudiosos como Giacomo Boni, Nino Lamboglia e Luigi Bernabò Brea - os dois últimos apoiando abertamente os *Jovens Arqueólogos* - foi tomado como um exemplo para desenvolver a moderna arqueologia estratigráfica na Itália (CARANDINI, 2000, p. 37).

Dois dos mais proeminentes jovens arqueólogos marxistas foram Renato Peroni, o já mencionado líder dos *Jovens Arqueólogos*, e Andrea Carandini, ex-aluno de Bianchi Bandinelli. Eles se tornariam dois dos estudiosos mais destacados em seus respectivos campos de estudo, a Proto-história e a Arqueologia Clássica.

### **Peroni, por uma escola marxista**

Renato Peroni (1930-2010) nasceu em Viena em uma família austro-italiana. Ele se formou em paleoetnologia em Roma em 1950. De 1965 a 1971 Peroni trabalhou no Museu Etnográfico *Luigi Pigorini* (Roma) e, em 1974, tornou-se professor titular da *Universidade de Roma Sapienza*, onde lecionou até 2003, quando se aposentou. Graças a seus estudos na Universidade de Friburgo, Peroni fundiu a tradição italiana de estudos pré-históricos com a alemã, importando para a Itália a divisão entre pré e proto-história (*Ur-und Frühgeschichte*) que caracteriza a disciplina nos países de língua alemã. A influência do historicismo da Europa central e a abordagem da história cultural caracterizaram os primeiros trabalhos de Peroni (CARDARELLI & VANZETTI, 2014, p. 516).

Em 1966, Peroni participou da União Internacional de ciências pré-históricas e proto-históricas (UISPP) conferência realizada em Praga, onde ele

ficou impressionado com a abordagem de questões sociais e territoriais dos arqueólogos socialistas de países não-soviéticos. A adesão formal de Peroni ao materialismo histórico e abordagem marxista desenvolveu-se significativamente após 1968. De fato, durante a década de 1970 abandonou definitivamente o Historicismo da Europa Central do pós-guerra que caracterizou sua produção inicial, que foi influenciada por estudiosos como Gero von Merhart e Hermann Müller-Karpe. (CARDARELLI & VANZETTI 2014, p. 516-517). O apogeu de sua fase marxista é expresso na obra *Le popolazioni dell'età dei metalli*, publicada em 1978 no volume *Archeologia* (CARDARELLI & VANZETTI, 2014, p. 518).

A estreita conexão de sua metodologia de pesquisa a um arcabouço analítico marxista também está presente em alguns de seus trabalhos com foco no ensino, como o bem conhecido *Considerazioni preliminari per linsegnamento della preistoria* (1975). Além de sua abordagem metodológica para o estudo da cultura material, um dos legados mais importantes de Peroni é a criação de uma “escola”. De fato, graças ao seu carisma incomum, forte compromisso com o ensino e um profundo vínculo com seus ex-alunos, ele reuniu um grupo de arqueólogos que deu sequência ao seu legado.

### **Carandini, de filólogo à arqueólogo marxista**

Andrea Carandini nasceu de Niccolò Carandini, o primeiro embaixador italiano em Londres (BARTOLI, 2007), após o fim da Segunda Guerra Mundial. O interesse de Carandini como estudante na Universidade de Roma se concentrou inicialmente na filologia clássica. No entanto, após conhecer Bianchi Bandinelli, ele ficou imediatamente entusiasmado com a arqueologia e sua abordagem arqueológica, e decidiu abandonar a ideia de uma carreira como filólogo, dedicando-se a esta ciência. Com apenas um exame em Arqueologia Clássica em seu *curriculum studiorum*, em 1962 formou-se defendendo uma tese com Bianchi Bandinelli como orientador (CARANDINI, 2000, p. 18). Seguindo o caminho ideológico traçado pela abordagem teórica de Bianchi Bandinelli para o estudo da Antiguidade, Carandini modernizou a Arqueologia Clássica, fundindo o empirismo inglês com o historicismo marxista.

Carandini é um dos poucos arqueólogos de sua geração que escreveu seus pensamentos sobre arqueologia italiana e sobre os arqueólogos italianos (CARANDINI, 1981; CARANDINI, 2000). Graças às suas memórias, sabemos que suas experiências dentro do Partido Comunista Italiano nos anos 1960 foram relevantes para seu desenvolvimento intelectual. Sua abordagem marxista entrou em sua produção científica através de trabalhos como *Archeologia e cultura materiale* (1975), e *L'anatomia della scimmia* (1979), sendo esta uma análise marxista aplicada à história.

Entre os anos 1970 e 1980 Carandini escavou a vila romana de *Settefinestre*, que produziu uma grande quantidade de dados a partir dos quais várias obras sobre o sistema escravista romano se originaram: *Settefinestre* (1986), *Schiavi in Italia* (1988), *Società romana e produzione schiavistica* (1981), *Storia di Roma* (1989). Seu interesse centrava-se principalmente na complexidade da sociedade romana e nos meios de produção.

A Queda do Muro de Berlim teve consequências relevantes também para a arqueologia italiana. Em 1992, foi publicada a última edição de *Dialoghi di Archeologia* e, nessa época, estava muito distante do espírito que animara a criação do periódico em 1967. Carandini se distanciou da ideologia marxista e passou a fascinar-se pela mitologia arcaica romana e arquétipos da fundação.

Como uma provocação, pode-se argumentar que os mais recentes interesses de pesquisa de Carandini atendem de maneira semelhante à virada nacionalista que ocorreu no Bloco Oriental após a queda do comunismo. De fato, no período pós-Guerra Fria, as arqueologias nacionais (TRIGGER, 1984; KOHL, 1998; McGUIRE, 1998, p. 61) floresceram nos estados estabelecidos após o colapso dos regimes socialistas federativos e personalidades como, por exemplo, Alexandre, o Grande, na República da Macedônia ou o imperador Diocleciano, na Croácia, tornaram-se "heróis fundadores" e símbolos desses novos estados-nação (CELLA; GORI; PINTUCCI, 2016, p. 79).

### **Considerações finais**

Como enfatizamos logo no início da introdução deste texto, a intelectualidade italiana do segundo quartel do século XX, com sua querela entre o totalitarismo fascista, ultradireitista e a esquerda progressista com sua inclinação marxista, pautaram as reflexões de artistas, literatos que ecoaram nas reflexões das humanidades como um todo, reverberando consequentemente entre historiadores e arqueólogos italianos.

Atravessamos décadas de desenvolvimento humano e tecnológico e chegamos ao final da segunda década do século XXI envoltos num mar de desinformações e ludibriações intencionais promovidas pela combinação da ausência de leituras (entenda-se leitura no sentido mais romântico do termo, leitura de poesia, de clássicos, de teóricos que nos permitiram chegar até o momento com todas as nossas idiosincrasias, com todas as nossas contradições), com a acentuada promoção de informações – praticamente verdades absolutas – pela via das novas mídias digitais.

O clima de policiamento, de alienação que hoje presenciamos, sofre uma semelhante contenda entre ideias conservadoras que ocultam novas formas de fascismo. Urge, assim, uma necessidade de organização política que pode certamente se inspirar na luta vivida por estes estudiosos italianos.

No Brasil, a Arqueologia Clássica usualmente é conectada a uma tradição erudita (muitas vezes no pior sentido do termo), diletante e eurocêntrica. Esta leitura fatalmente a vê como distante dos problemas e questões enfrentadas pela historiografia e arqueologia brasileira, como por exemplo, a luta dos indígenas, dos quilombolas e tantas outras minorias, além da luta pelas questões ambientais.

Ao escrevermos estas linhas sobre a arqueologia marxista que emergiu e se desenvolveu energicamente na Itália, ensejamos aproximar não apenas o importante desenvolvimento teórico-metodológico dos italianos à arqueologia brasileira, como também demonstrar que há nesta arqueologia uma tradição de questionamento pautada na luta de classes com uma ideologia igualitária que também pode e deve ser fonte de inspiração para a história e para arqueologia que se realiza no nosso país.

Que os dilemas de Bandinelli e a coragem de Puglisi – observadas em suas incessantes contendas entre o fascismo e a democracia – cheguem a nós e nos permitam resistir a dilemas deveras semelhantes que ironicamente vivemos no Brasil de hoje em dia; que a importante luta de Pallocino pela união dos arqueólogos italianos nos inspire a mantermo-nos de mãos dadas frente a ira do opressor; que a pedagogia de Peroni, um arqueólogo de uma escola marxista, professor que sabia os caminhos do encantamento do alunado jovem italiano, nos traga de volta a pedagogia do oprimido herança de nosso saudoso e tão necessário Paulo Freire e, finalmente, que o brilhantismo de Andrea Carandini – um jovem intelectual da estirpe de um Borges e um Momigliano, estudioso que se apaixonou pela arqueologia marxista, e que sempre nutriu um amor profundo pelo ser humano, dando voz aos excluídos da história, levando através de sua pequena picareta, de sua marshalltown e de seu pincel a justiça e a decência – inspire-nos a buscar a energia para continuarmos fazendo de nosso ofício nossa luta; dos livros, o baluarte imperecível.

## REFERÊNCIAS

- AKIN, Soner. A review on the roots of marxist approach in archaeology. **International Journal of Archaeology**. New York, v. 3, n. 4, p. 33-38, July 2015.
- ARCHEOLOGIA CLASSICA. Roma: L'Erma di Bretschneider, v.14, p. 115–118, 1962.
- ARCHEOLOGIA CLASSICA. Roma: L'Erma di Bretschneider, v.14, p. 261–284, 1962.
- ARCHEOLOGIA CLASSICA. Roma: L'Erma di Bretschneider, v. 15, p. 113–115, 1963.
- ARCHEOLOGIA CLASSICA. Roma: L'Erma di Bretschneider, v. 15, p. 271–273, 1963.
- ARCHEOLOGIA CLASSICA. Roma: L'Erma di Bretschneider, v. 16, p. 319–327, 1964.
- BARBANERA, Marcello. **L'archeologia degli italiani**. Rome: Editori Riuniti, 1998.

- BARTOLI, Edgardo. **Milord**: avventure dell'anglomania italiana. Vicenza: Neri Pozza, 2007.
- CARANDINI, Andrea. **Storie dalla terra**. Torino: Einaudi, 1981.
- CARANDINI, Andrea. **Giornale di scavo**. Torino: Einaudi. 2000.
- CARDARELLI, Andrea; VANZETTI, Alessandro. L'approccio di Renato Peroni allo studio delle società protostoriche dalla fine degli anni '60 del XX secolo. *In*: GUIDI, A. (ed.). 150 ANNI DI PREISTORIA E PROTOSTORIA IN ITALIA; ATTI DELLA XLVI RIUNIONE SCIENTIFICA, 2014, Roma. **Riunione scientifica** [...]. Roma: IIPP, 2014. p. 515-521.
- CELLA, Elisa; GORI, Maja; PINTUCCI, Alessandro. The trowel and the sickle. Italian archaeology and its Marxist legacy. **EX NOVO Journal of Archaeology**. Roma, v. 1, n. 1, p. 71-83, 2016.
- DANCKERS, Jonas. Protostoria italiana e marxismo nell'Italia del secondo dopoguerra. *In*: GUIDI, Alessandro (ed.). 150 ANNI DI PREISTORIA E PROTOSTORIA IN ITALIA; ATTI DELLA XLVI RIUNIONE SCIENTIFICA, 2014, Roma. **Riunione scientifica** [...]. Roma: IIPP, 2014. p. 495-499.
- DE FRANCESCO, Antonino. **The antiquity of the italian nation**: the cultural origins of a political myth in modern Italy 1796-1943. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DIALOGHI di ARCHEOLOGIA. Milano: Il Saggiatore di Alberto Mondadori Editore, v. I, n. 1, p. 131–132, genn. 1967.
- DICKSON, Paul. **Think tanks**. New York: Ballantine Books, 1972.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Teoria e métodos na arqueologia contemporânea: o contexto da arqueologia histórica. **Mneme – Revista de Humanidades**. Rio Grande do Norte, v. 6, n. 13, p. 1-5, dez./jan. 2004/2005.
- GUIDI, Alessandro. Quantitative methods in Italian archaeology: a review. **Archeologia e Calcolatori**. Roma, n. 26, p. 45–58, 2015.
- GUNDLE, Stephen. **Between Hollywood and Moscow**: the Italian communists and the Challenge of mass culture, 1943–1991. Durham: Duke University Press, 2000.
- HARARI, Maurizio. Etruscologia e fascismo. **Athenaeum**. Itália, v. 100, n.1-2, p. 405-418, 2012.

IACONO, Francesco. A Pioneering experiment: dialoghi di archeologia between marxism and political activism. **Bulletin of the History of Archaeology**, London, v. 24, n. 5, p. 1–10, 2014.

KOHL, Philip L. Nationalism and archaeology: on the constructions of nations and the reconstructions of the remote past. **Annual Review of Anthropology**. Califórnia, v. 27, p. 223–246, 1998.

McGUIRE, Randall H. Una aproximació marxista dialèctica a l'arqueologia. **Cota Zero: revista d'arqueologia i ciència**. Catalunya, n. 14, p. 61-71, 1998.

PALLOTTINO, Massimo. Per una coscienza ed una azione unitaria degli archeologi. **Archeologia Classica**. Roma, v. 16, p. 115–118, 1962.

PERONI, Renato. Dalla Società degli Archeologi Italiani all'Albo: motivi per un'unità politica. *In*: ANCAST, VERSO UNA PROFESSIONE, SEMINARIO PER L'ELABORAZIONE DI UNA PROPOSTA DI ORDINE PROFESSIONALE PER GLI ARCHEOLOGI, 1988, Mântua. **Riunione scientifica [...]**. Mântua, Roma: SAP, v. 23-24, febr. 1988. p. 76-82.

PUGLISI, Salvatore Maria. Industria microlitica nei livelli a ceramica impressa di Coppa Navigata. **Rivista di Scienze Preistoriche**. Itàlia, v. 10, n. 1-4, p. 19–36, 1955.

TRIGGER, Bruce Graham. Alternative archaeologies: nationalist, colonialist, imperialist. **Man**. New York, v. 19, p. 355–370, 1984.

VITTORIA, Albertina. **Togliatti e gli intellettuali**: la politica culturale dei comunisti italiani (1944– 1964). Roma: Carocci, 2014.